

40 Anos do “25 de Abril”

À hora a que esta sessão acontece decorre celebração idêntica na “Casa da Democracia” onde os partidos ali com assento debitam, cada um a seu modo, a visão que têm do 25 de Abril e do percurso feito até aqui.

Visão, digo, porquanto a data mais importante do Portugal contemporâneo foi, e é ainda, aos olhos de muitos, carregada de visionarismo, ao estilo sebastiânico de quem acredita que alguém virá do céu pra salvar-nos e tomar conta do nosso futuro coletivo.

Lá, na “Casa de Democracia”, é vê-los de cravo ao peito uns, sem cravo a maioria, a romper a palma das mãos em pose laudatória ao discurso dos ditos nossos porquanto se ignora e despreza a verdade só por que é dita ou vem da bancada contrária.

Está assim feito o photoshop do regime àquela data instaurado.

Com virtudes que convém explorar até ao limite mas também com defeitos que é preciso corrigir e que faz com que alguém o tivesse descrito como o pior dos regimes à exceção de todos os outros!

E tal como a pátria nasceu e se ergueu de uma escabrosa guerra entre mãe e filho eis a desavença ideológica, o interesse descarado das elites ou das corporações a sobrepor-se ao bem comum enquanto se apresenta aos olhos do povo em papel lustroso a que chamam o regime perfeito.

Ora, eu que há muito deixei de ter visões, me sinto vítima de desmandos e convivo com a desilusão de ver-me há muito numa nau sem arrais, prefiro antes fazer uma leitura objetivada no racionalismo e sentido pragmático que à vida, e a tudo quanto me proponho, procuro sempre dar.

Rogo, pois, que tolerem a leitura que pessoalmente faço do trajeto destes 40 anos de vida democrática.

No princípio foi o sonho. E a esperança ainda que misturada dos medos que meio século de cruel opressão fez pairar na cabeça de um povo pobre, oprimido, inculto e submisso.

O povo saiu à rua e uma manhã bastou para que o que restava de um regime obsoleto e decrépito se convencesse estar ganha a causa da revolução.

Sim, foi o povo quem a agarrou escoltado na coragem e audácia dos militares que tomaram o poder enquanto o regime dormia.

De cravo ao peito disse ao que vinha e ditou a regra de querer uma revolução sem sangue, de que deu sinal claro apondo cravos no cano das espingardas, e que depressa se transformou mundo fora na imagem da talvez única revolução pacífica até hoje levada a cabo à escala planetária.

O povo saiu à rua e acreditou que unido jamais seria vencido.

De mãos dadas abriu cadeias, libertou prisioneiros políticos – os verdadeiros pais da revolução – cortou amarras, tomou de assalto o quartel-general das forças mais emblemáticas do regime, pôs fim à censura, recebeu efusivamente os exilados e perseguidos de então, cantou a Grândola, celebrou a liberdade e pôs fim a uma guerra iníqua, injusta, que durante décadas pairou como uma nuvem carregada de negro sobre as famílias portuguesas e sobre os jovens - onde me incluo assim como alguns de vós – a quem foi negado o direito de viver

CÂMARA MUNICIPAL DE MONTALEGRE

uma juventude alegre e feliz e sem o pesadelo da guerra que a todos esperava e fez todos quantos nela participámos adeptos ou colaboradores inconscientes de tão sinistro regime.

Passados todos estes anos é bom que se diga ter sido um privilégio viver a euforia do 25 de Abril, que ficará para a história portuguesa como a data mais célebre e importante de Portugal só comparável à revolução de 1640 que nos libertou do jugo e tirania espanhola.

E eu que o vivi de tão de perto (entrei em Mafra, de malas feitas para a guerra em 22 de Abril), ainda hoje sinto um frémito de emoção por ter sido um no meio do milhão de presentes no primeiro 1º de Maio e assistir de muito perto, no estádio Universitário, ao abraço distante e desconfiado entre duas das personalidades mais marcantes da luta política na clandestinidade, Álvaro Cunhal e Mário Soares.

Foram dias de euforia! De exaltação e júbilo. Mas de muitos medos também.

Poetas, escritores, operários, soldados, marinheiros enchiam as ruas de Portugal de contagiante alegria. Vivia-se o sonho por tantos esperados porque muitos deram a vida e julgaram impossível de concretizar.

Só que a festa foi sol de pouca dura.

Os deserdados do regime davam à sola para a estranha, uns, ou conspiravam nas franjas culturalmente mais débeis ou desprotegidas do mundo rural.

Os caciques e carrascos do regime que não foram julgados – originalidade grande – continuaram a minar consciências e a orientar o povo – sem consciência política – para a fidelização aos partidos que entretanto surgiram.

A festa e a paz do 25 de Abril foram a pouco e pouco sendo esvaziadas.

Diferentes conceções ideológicas consagradas nos programas dos partidos foram levadas ao extremo dividindo famílias, amigos, organizações, empresas, aldeias inteiras.

Localmente, deu-se, a singularidade de termos de uma penada dois presidentes de Câmara. Um que entrou pela porta, outro pela janela. Um para dentro outro para fora.

Estava lançado o mote para os anos perigosamente conturbados que viriam a seguir-se e de que muito poucos ou se calhar nenhum de nós se deu antecipadamente conta.

Com os partidos vieram as primeiras eleições ditas livres.

Foi em Luanda que exerci, pela primeira vez, o meu direito de voto.

Crueldade do destino. A Luanda de que todos queríamos fugir é hoje a terra do sonho, do futuro, da esperança para onde os desesperançados do nosso país se mandam e refugiam na ilusão de fazerem a vida que a pátria lhes nega.

Com os partidos – pilar essencial de qualquer democracia – vieram as crispções, desavenças, divisionismos que só a impreparação geral em abraçar e viver o regime democrático justificam.

Não estávamos preparados para a sã convivência. E vimos na democracia sinónimo de vida fácil quando tem de ser entrega, luta, querer, vontade de singrar e vencer.

A democracia é sangue, suor e lágrimas.

Era o que qualquer governante sensato deveria recomendar tal como fez Churchill na preparação dos ingleses para a guerra e que no meio de muita incerteza disse claramente que era a única coisa que podia garantir ou prometer.

Por cá eram só manhãs que cantam, vida fácil, promessas risonhas de um Estado obeso que a Nação não comporta.

CÂMARA MUNICIPAL DE MONTALEGRE

O povo, todos nós, igualmente impreparados, sem grande formação política e quase todos sem tradição de luta no seio familiar deixámo-nos encantar por promessas de que nunca duvidámos poderem ser exequíveis.

Nem as diferentes conceções de Estado plasmadas nos programas e lutas partidárias serviram para um alerta geral tal era a cegueira dos partidos em afirmarem-se e conquistarem o voto dos reformados e funcionários do Estado assim como a inconsciência como tantas fidelizações partidárias foram feitas.

Por reacção lá íamos em cadeia, uns atrás dos outros, atrás do canto da sereia dos partidos com que cada um a seu modo nos ia encantando.

E qual cego que conduz outro por três vezes cai no precipício da bancarrota.

E o povo, que fez o 25 de Abril quando saiu em massa para a rua, e agarrou a revolução e evitou a guerra civil, não merecia passar pelo que está passando.

O país pobre, faminto, inculto, e durante tantos anos ostracizado nos fóruns internacionais, libertado da despesa que dezena e meia de anos nas três frentes de guerra ultramarina consumia, esbanjou em benesses os recursos assim poupados e que manifestamente, a economia da Nação não estava em condições de garantir.

Esbanjamento é, de certa forma também, o fim dado aos muito milhões de euros recebidos na sequência da nossa adesão à então CEE, hoje impropriamente chamada União Europeia.

Foram mares e rios de dinheiro aqui chegados que não soubemos aproveitar para dinamizar/modernizar a nossa economia.

Derretemos tudo em fachada. E da ilusão do dinheiro fácil que nunca nos demos conta íamos ter de pagar um dia com língua de palmo, caminhámos, sem que alguém nos orientasse, para a desgraça coletiva onde hoje estamos mergulhados.

Quais morgados que não têm onde cair depois de mortos abandonámos a agricultura, desmantelámos fábricas, abatemos os barcos de pesca - nós que temos a maior zona exclusiva do mundo - e demo-nos à preguiça, à ilusão de que seria possível viver sem trabalhar.

Hoje dizem estudos recentes que temos a quarta maior rede de estradas do mundo. Que não utilizamos por não termos dinheiro para portagens. São obras de arte para contemplar em fotografia aérea.

E, ironia do destino, com tanto quilómetro de estrada, chega-se 40 anos depois à vergonha de vermos o nosso concelho confinado às montanhas de sempre e sem uma acessibilidade digna à famosa rede de autoestradas entretanto feitas e que iriam revitalizar o interior esquecido e tirar Portugal do atraso em que vivíamos.

Até a 103, estrada turística por excelência e a nossa preferida para acesso ao litoral, ficou menos atrativa quando deixámos que se transformasse no estaleiro que hoje é.

Nada disto aconteceria se, tal como a Constituição saída do período pós-revolucionário preconiza, a regionalização tivesse sido implementada. Com ela teríamos um governo de proximidade que pensaria a região como um todo e jamais deixaria Montalegre sem uma acessibilidade fácil e digna à rede de autoestradas.

E lá vamos carpindo a nossa desgraça e inconformismo como se tudo isto não fosse também responsabilidade de todos.

Não avançar com a regionalização que a Constituição preconiza e consentir que tal propósito ou desiderato dela conste passados 40 anos revela grave fragilidade, inoperância, inconsciência coletiva, catarse alucinogénica.

CÂMARA MUNICIPAL DE MONTALEGRE

Pessoalmente considero que entre uma má regionalização ou não haver nenhuma prefiro a primeira onde os ganhos seriam para todos nós substancialmente maiores, e onde teríamos oportunidade de escolher de 4 em 4 anos governos de proximidade que não o gélido, insensível e perigosamente centralista governo de Lisboa que, à boa maneira estado-novista, continua a olhar para o resto do país com o desdém de quem só vê paisagem e a todos chama provincianos.

Este percurso de coma induzido em que nos deixámos arrastar explica muitas das contradições e inconstâncias da nossa errática conduta e das dificuldades que hoje sentimos.

Hoje, 40 anos volvidos, e numa análise serena, fria e cerebral dir-se-á que as conquistas foram imensas. Sim, é verdade.

Mas faltou-nos sentido crítico, de responsabilidade e participação que faria com que tivéssemos ido muito mais além.

Vivemos numa sociedade que protege interesses instalados; Que defende o sector público quando 25% da população com menos de 30 anos está no desemprego e só um setor privado forte, ativo e operante pode absorver; Que defende intransigentemente direitos adquiridos enquanto jovens licenciados emigram ou vendem a força do seu saber por 500€/mês e ignora os que por falta de emprego ou crónica ostracização estão reduzidos à miséria, entregues à sua sorte e não têm direitos quase nenhuns; Somos o país europeu campeão das desigualdades; Somos herdeiros e carregamos o fadário daqueles que expulsaram os judeus, essa elite culta e rica que desperdiçámos a favor de países como a Holanda, nossa rival, que cedo percebeu a vantagem das rotas comerciais e feitorias que aqueles ajudaram a estabelecer; Somos o país que ocupa os primeiros lugares da Europa em tudo quanto é atraso, vergonha e desencanto e ocupamos os primeiros lugares do Guinness em singularidades inúteis para não dizer ridículas; Somos um país pimba. Sem estatuto, já que este, no quadro da globalização é cada vez mais ditado pelo dinheiro ou capital que não temos porque não sabemos fazê-lo; Somos um país emigra. Desde os anos 60. Com a particularidade de, passados estes anos todos, e ainda em democracia, não termos sabido criar condições para o regresso dos que partiram nas primeiras levas. Sinal claro que falhámos.

“Vem ver o meu povo despejado em Champigny” dizia Manuel Alegre para um francês amigo ao tempo em que este notável vivia exilado em Paris e que relata no seu livro “O Canto e as Armas”.

Hoje lá continua esse mesmo povo. Não mora nos bidon ville, em barracos como então. Mas lá continua a chegar todos os dias e a oferecer ao desbarato a vontade de que tem de ser útil à sociedade e ao mundo.

“Eu gosto muito de Portugal mas sinto que Portugal não gosta de mim” – dizia-me aqui há dias um barrosão radicado em Paris. Como dói ouvir isto. Outros países europeus foram países de emigrantes mas souberam criar condições para o seu retorno e acolhimento e que portadores de ideias novas muito ajudaram ao seu desenvolvimento;

A dimensão do país emigra vê-se nos programas de televisão onde o povo aproveita o microfone do repórter para mandar beijinhos aos seus que estão espalhados pelo mundo fora.

Há que ter em conta que este fadário emigratório, contínuo, atinge hoje os novos quadros em que o país e a sociedade tanto investiram;

É o futuro que se vai já que, depois de iniciarem suas vidas lá fora jamais regressarão.

CÂMARA MUNICIPAL DE MONTALEGRE

Aqui chegados é oportuno perguntar.

Valeu a pena o 25 de Abril? Sim, valeu a pena.

Foram seus ideais cumpridos? Responda cada um, atenta à circunstância de, para além da liberdade, termos ficado muito aquém do desenvolvimento económico merecido e da edificação de uma sociedade mais justa, mais fraterna, mais igual como é timbre das democracias.

Faz hoje 40 anos que conquistámos a liberdade porque tantos lutaram e outros tantos deram a vida. Mas perdemo-la neste entretanto por três vezes. E hoje comandados que somos de fora, não somos de todo um povo ou país livre mau grado a troika estar em retirada. É que vai continuar a vigiar-nos pelo menos até 2021.

Diz a canção que só há liberdade a sério quando houver a paz, o pão, habitação, saúde, educação...

Será que os portugueses que vivem debaixo da ponte, dormem nas ruas das nossas cidades, morrem sem medicação, se alimentam dos caixotes do lixo, abandonam as nossas universidades por falta de meios sentem verdadeiramente a Liberdade?

As portas que Abril abriu, e que o imortal Ary dos Santos dizia que ninguém mais cerraria há muito se fecharam e mostraram a tantos o lado escuro da desesperança!

Estarei a maçar-vos por não preferir a vertente lírica de quem passa ao lado do mal e faz de conta que não existe.

Lá está o pessimista dirão muitos de vós. Serei.

Ser pessimista é ser um otimista consciente que é o que julgo ser, e o reporte que vos faço resulta tão só da consciência crítica e sentido de exigência de quem julga ter sido possível ter-se feito muito melhor.

O 25 de Abril foi festa e esperança. A festa mais linda, envolvente, risonha e futurista que a um mortal é dado assistir. Pessoalmente foi um privilégio muito grande andar por lá e vivê-lo de tão perto.

Vivemos hoje o pesadelo de vermos tantos irmãos mergulhados no desemprego e um país inteiro descrente e de braços caídos.

Os três Dês da Democratização, Descolonização e Desenvolvimento transformaram-se nos Dês da Dívida, Défice e Desemprego com que hoje nos confrontamos e que são uma vergonha.

E se para grandes males, grandes remédios não é o Primeiro Ministro mais mal preparado da nossa democracia que vai dar o norte à nau em que todos navegamos e anda há tantos anos à deriva.

25 DE ABRIL SEMPRE! Terá de ser o grito de quem como eu ainda acredita. Mas 25 de Abril com todos, isto é, onde todos caibam e saibam qual o lugar ou missão que a cada um de nós cabe.

Portugal só será abril com trabalho, entrega, disciplina, rigor, educação. Será abril quando pensarmos a pátria e não o corporativismo.

Só será Abril quando soubermos reconhecer o ardil que está de trás de promessas irrealizáveis que nos fazem e que não são mais que uma ofensa ao ser pensante;

Só será Abril quando a palavra Abril voltar a escrever-se com letra grande que o vergonhoso acordo ortográfico da nossa capitulação lhe retirou. Não basta dizer que hoje estamos melhor. É preciso que se diga e interiorizemos que merecíamos estar muito melhor!

CÂMARA MUNICIPAL DE MONTALEGRE

E isto é que é pensar e sentir Abril.

Se só tivermos palavras para evocar os progressos conseguidos quase exclusivamente à custa dos rios de dinheiro que a União Europeia fez desaguar neste país à beira mar plantado, e esquecermos a nossa incapacidade em estruturar e modernizar a economia que é a única forma de dar sustentabilidade ao Estado Social e investimento público que todos os dias reclamamos;

Se nos esquecermos que continuamos com um sistema de justiça mais salazarento que a existente à altura porquanto apenas tem mão pesada para os pobres e para os crimes menores;

Se ignorarmos a nossa incapacidade em modernizar o Estado, tornando-o mais célere e atuante e deixando de ser o corpo gordo, besunto inoperante e castrador de iniciativas que afasta investidores internos e externos;

Se persistirmos em ignorar que isto é o que resta da revolução que hoje celebramos e correu mundo pela sua originalidade, estamos a abrir caminho para que daqui por meia dúzia de anos voltemos a ser comandados de fora.

E isto é que é pensar e sentir Abril.

Pensar Abril é exigir de quem nos governa e se propõe governar que o faça sempre com verdade e nunca da forma mentirosa e sem ideias claras de estruturação do país como repetidamente se vem fazendo e continuamos a assistir;

É pôr fim à tragédia de uma geração que não procria e faz do presente uma amostra do negrume que aí vem;

É estruturar medidas que levem ao povoamento do território;

Tão audazes como as dos primeiros reis e até da chamada colonização interna tão bem do nosso conhecimento. E nunca através do contraciclo e da insensatez do fecho de serviços que se anuncia por todo o país e de que Montalegre sairá igualmente perdedor.

Senhor Presidente da Assembleia Municipal

Senhores deputados

Colegas Autarcas de Freguesia

Senhores convidados

Minhas Senhoras, Meus Senhores

Trouxe-vos a leitura, que não a visão, de quem acreditou demais e sente a amargura de ver o seu país a desaparecer, sem classe média, sem juventude, sem nascimentos e inabitado em todo o dito interior.

É a leitura de quem acredita que Portugal tem futuro e irá conseguir triunfar como tantas vezes fizemos ao longo da nossa história onde repetidamente quase morremos mas encontrámos sempre forma de renascer.

Hoje com a força e convicção de há 40 anos celebramos a revolução de Abril.

Celebrar abril é retomar o que falta fazer ou como diz a canção “fazer o que ainda não foi feito”;

Celebrar abril é reconhecer que não soubemos estar à altura daqueles que o fizeram em décadas de luta e combatividade e por ele morreram;

Celebrar Abril é cantar a Grândola mas é preciso fazer a terra da fraternidade;

Celebrar abril é dizer aos vindouros que têm de fazer substancialmente diferente de nós;



CÂMARA MUNICIPAL DE MONTALEGRE

É pedir-lhes perdão pelas dívidas que fizemos e em que os deixamos atolados e que vão ter de ser eles a pagar;

Celebrar abril é e será sempre resistir e sonhar de novo.

Montalegre, 25 de Abril de 2014

O Presidente da Câmara
Manuel Orlando Fernandes Alves